

Terminologia Geográfica

(Continuação)

- NAPÉIA** — Nome dado por VON MARTIUS à região fito-geográfica que compreende os terrenos dos bosques de araucária, do sul do Brasil. (B. de S.).
- NORUEGA** — Termo usado nos estados do sul, que nomeia a encosta meridional das serras, por isso mesmo constituindo terrenos sombrios e úmidos (B. de S.).
- NORUEGAL** — Terrenos de noruega ou de encosta; terreno pouco batido pelo sol. AFONSO TAUNAY escreveu: “Esta fazenda é um noruegal” (B. de S.).
- OLHEIRAL** — Cones de pequena altura variável, onde se abrem dezenas de orifícios de um formigueiro subterrâneo. Também se diz e emprega olheiro: “O declive é grande de modo que a ação do inseticida pode ser diminuída, em parte mais ou menos considerável por escapamentos de condutos e olheiros colocados na parte inferior”. Em São Paulo chama-se a entrada principal de um formigueiro — corneta. (B. de S.).
- ÓLHO D'ÁGUA** — Termo geral que significa manancial, minadouro, fonte natural, lugar nos campos ou nas matas, onde surge uma nascente de água perene. (B. de S.).
- PACOCA** — Trecho do leito de um rio, abaixo das cachoeiras, onde as águas são agitadas e remoinhosas. No município de Piracicaba, São Paulo, segundo informa SUD MENNUCCI, dá-se a este fenômeno o nome de vaivém. “Há um salto dentro da cidade que é cortada pelo rio que lhe dá o nome. Por isso, é costume dizer-se que quem cai no vaivém, não volta mais”. (B. de S.).
- PAGO** — Nenhum vocabularista disse melhor a respeito do sentido deste termo riograndense do sul, do que ROQUE CALLAGE, de quem transcrevemos o seguinte: “lugar onde se nasceu; o rincão, a querência, o povoado, o município onde alguém mora ou de onde é natural. Este vocábulo é um dos mais usados na vida campesina do Rio Grande. Ele resume para o gaúcho um pedaço afeiçoado e querido da terra que o viu nascer. Não há quadrilha, não há poesia do cançãoeiro crioulo que não tenha a palavra pago, ora refletindo saudades, ora exaltando heroísmos e grandezas, tudo o que dignifica e eleva o coração e o sentimento do homem nativo. Não há também palavra como essa que tão apropriadamente traduza a nostalgia do campônio riograndense Lá nos meus pagos . . . e nesse expressar vai todo um retrospecto à vida passada no torrão natalício (B. de S.)
- PAJONAL** — Nome castelhano de uma variedade de campo no Rio Grande do Sul, registado por TESCHAUER, a qual aparece na região trapeana e ocupa em geral os lugares baixos e de terrenos úmidos. O general BORGES FORTES informa que significa banhado extenso, pantanal. (B. de S.).
- PAMPEIRO** — Termo de uso no Rio Grande do Sul, designativo do vento que sopra de sudoeste na direção dos pampas argentinos, donde lhe vem o nome E' um vento frio, sêco violento quase sempre, cuja ação na atmosfera é purificadora, e que atinge até a costa sul do Brasil. (B. de S.).
- PANCADA** — Termo usado na Amazônia com sentido de salto ou cachoeira a pique, nos rios. (B. de S.).
- PANELA** — Redemoinho, voragem, sorvedouro. “A cachoeira da Várzea Redonda (rio São Francisco) apresenta algumas panelas, ou redemoinhos, junto aos rochedos negros da margem direita que põe em grande perigo as canoas que se aproximam delas” (FERNANDO HALFELD). E' da existência desses sorvedouros, que vêm algumas denominações locais, no grande rio, como nomeadamente, o serrote da Panela, a ilha da Panela. (F. A. C. P. C.)
- PÃOZEIRO** — Entregador de pães nos domicílios; vendedor ambulante de pão. (R. G.).
- PAQUÊTE** — Embarcação do alto São Francisco movida a vela e destinada a passageiros e carga. Grande jangada com dois bancos e duas velas, de marcha veloz, para a condução de passageiros e carga, sendo aqueles abrigados em uma cozinha, a ré, coberta de palha de coqueiro, e sôbre um jirau que lhe serve de lastro, ficando a carga disposta e convenientemente segura na parte restante da embarcação. Este gênero de jangadas, que raramente se vê hoje no pórtio de Recife, já serviu para um serviço regular de navegação costeira, tendo por limites o Ceará ao norte, e a Bahia ao sul (F. A. P. C.).
- PARADOURO** — No Rio Grande do Sul tem a acepção restrita de lugar certo, perto das casas ou das mangueiras das estâncias, onde o gado passa a noite. (B. de S.).
- PARAJÁS** — O mesmo que pirajás, definidos por GASTÃO PENALVA “chuvas fagueiras, nuvens de estio que passam, e tombam no mar como um pranto rápido do céu choramingas”. (B. de S.).

- PARAÍBA** — Trecho de um rio que não pode ser navegado. Vem este vocábulo do tupi *pará* — rio, caudal e *aíba* — ruim, impestável propriamente in-navegável. É termo usado de preferência nos estados do sul. (B. de S.)
- PARARACA** — Termo de uso principalmente em São Paulo e Minas, registado por VALDOMIRO SILVEIRA, para designar o lugar, nos rios, em que a água passa rápida sobre pedregulhos, estrondando. NÉLSON DE SENA cita as pararacas dos rios Sapucaí-Grande e Paranaíba, em Minas Gerais. As pararacas correspondem às corredeiras, corridas, carreiras, ou, segundo a expressão sugestiva dos mineiros, as águas puladeiras. (B. de S.)
- PARNAIBANO** — Além de apelar os filhos do município piauiense de Parnaíba, este nome se aplica ao vento geral que sopra rijo em certa época do ano, ao longo do curso inferior do rio Parnaíba. (B. de S.)
- PAROARA** — “Na baixada amazônica, paroara significa o mesmo que paraense, isto é, filho do Pará, como cametaoara o que nasceu em Cametá, marajoara, o filho da ilha de Marajó, etc. No Nordeste é que há o costume de chamar-se ao nordestino que vem da Amazônia paroara na acepção pejorativa e errada de falso paraense, quando deviam chamar pararána” (B. de S.).
- PARTIDO** — Certa extensão de terras de plantação de cana nos engenhos de açúcar, engenhocas e torcedores (F A P C)
- PASSADOR DE GADO** — Assim chamavam no Nordeste aos homens que eram encarregados de levar as boiadas do sertão para as feiras, onde eram vendidas, sobretudo para as de Pedras de Fogo, em Pernambuco, que se tornou famosa pela soma de negócios ali realizados. PEREIRA DA COSTA define condutor de boiada das fazendas de criação para o seu destino por conta do fazendeiro, acompanhado pelos aboiadores e tangerinos. (B. de S.)
- PASSAGEM** — Local por onde os viandantes atravessam ordinariamente um rio, quer a vau, quer embarcado. As passagens dos rios entre nós constituíam uma das regalias senhoriais dos donatários de Pernambuco, outorgada pela cláusula XIV da sua carta de Foral conferida por D. João III e lavrada em Évora aos 24 de setembro de 1534, em virtude da qual podiam eles, nos rios da capitania, em que houvesse necessidade, pôr barcas para a passagem deles, levando aquêl direito ou tributo que em Câmara fôsse taxado. Vem daí o estabelecimento das diversas passagens de rios que houve entre nós, e das quais, nomeadamente, vem o nome de Passagem da Madalena, de um dos nossos mais belos arrabaldes (F A P C)
- PASSO** — Termo do Rio Grande do Sul, registado por CALLAGE e ROMAGUERA, designativo de lugar de passagem habitual no rio ou arroio onde atravessam os viajantes, quer embarcados, quer a cavalo ou a bolapé (B. de S.)
- PAVUNA** — Registado por TESCHAUER, com o sentido de vale fundo e escarpado, e como tal empregado pelo visconde de TAUNAY no seguinte passo. “Os bandidos atiraram o cadáver pelo barranco abaixo naquela pavuna tão funda da estrada real” (B. de S.)
- PEÇA** — Antiga denominação do escravo “É necessário que cada engenho tenha 50 peças de escravos bons, e 15 ou 20 juntas de bois com seus carros aparelhados”. (*Diálogo das grandezas do Brasil*, 1618). (F A P C)
- PEDRAL** — Termo usado na Amazônia para designar um amontoado de rochas e pedras que embaraçam a navegação. No Maranhão, segundo ANTÔNIO LOPES, assim se diz da praia pedregosa nas cachoeiras (B. de S.)
- PENDURADO** — Termo usado em São Paulo para designar terreno em declive muito forte, muito íngreme (B. de S.)
- PERAU** — Termo usado em todo o Brasil, mas com variantes de sentido. Mais geral é a significação de lugar profundo do mar, rio ou lagoa, próximo a praias ou margens, cujo fundo se não alcança e em que se não toma pé, ou simplesmente depressão do terreno próximo às praias ou margens. No Rio Grande do Sul, segundo CALLAGE e ROMAGUERA, designa precipício, espécie de itaimbé, dando para um rio, arroio, ou mesmo para sangas fundas (B. de S.)
- PERIANTÁ** — Também grafado piriantã, periatã, periantãns e até pariatã (TAUNAY), termo usado na Amazônia, que nomeia uma aglomeração de canaranas, encostadas à margem dos rios, ou por elles deslizando ao jeito de ilhas flutuantes levadas pela correnteza. BARBOSA RODRIGUES define muitas de gamineas e terra que se soltam das margens e são levadas pela corrente. JOSÉ VERÍSSIMO tratando deste acidente, informa que às vezes a canarana fica tão basta e emaranhada, que as onças se põem em cima para descer os rios. Outras vezes atravessam-se nos pequenos rios, e, com a terra e paus que a corrente arrasta, formam os chamados barrancos tão densos que é preciso muito trabalho de foice e machados para desfazê-los. Assim o viu JOSÉ VERÍSSIMO no Corupatuba. “Quando o rio transborda, que começa a descer ao som da corrente, na flor da água, toda sorte de

corpos, de ilhas flutuantes, compostas de gramíneas, de ninféias, de galhadas, a gaiivota dá o sinal, pois os periantãs, legítimo nome ao que o sulista chama barrancos, servem-lhe de pouso, são o seu barco, o seu transporte”
RAIMUNDO MORAIS — *Notas de um jornalista*. (B. de S.).

- PERIS** — Terrenos que no inverno ficam cobertos d'água, formando um lago florido, e no verão se transmudam em savana escura, sêca com torroadas, coberta de juncos secos, razão de seu nome, pois que, peri ou piri é uma gramínea própria do Pará e Maranhão. (B. de S.)
- PESTANA DE RIO** — Expressão com que os caboclos do sul da República denominam as matas que sombrejam os rios. São as “matas ciliares” da geografia culta. (B. de S.).
- PIA** — Vocábulo empregado no nordeste baiano para designar as concavidades nas pedras onde se acumula a água das chuvas. Ouvimo-lo de vários moradores do sertão. (B. de S.).
- PICADA** — Abertura mais ou menos larga, conforme o uso a que se destine, feita através de mata, ou de campo cerrado, para estabelecer comunicação de um ponto a outro; é operação preliminar para o estabelecimento de qualquer estrada. (R. G.).
- PIÇARRA** — Nas Lavras Diamantinas da Bahia, êste vocábulo designa terra branca ou lajedo mole, no fundo das catas; há também piçarras amarelas e cinzentas. Noutros sítios o termo piçarra designa argila resultante da degradação do gnaíse, graças à ação química da água pluvial (**LUCIANO DE MORAIS** — *Serras e Montanhas do Nordeste* — Pp. 13 e 52); argila mista porosa (**DOMINGOS VANDELLI**, *Anais da Biblioteca Nacional*. Vol. 20 — Pp. 266-276). Referindo-se à piçarra nos terrenos da mineração do ouro, **CALÓGERAS** escreveu à p. 113 do 1º vol. do seu livro citado: “Sob a camada de seixos achavam-se argilas, ou chisto, rochas improdutíveis de metal, na maioria dos casos, a que chamavam piçarra; daí nasceu o ditado indicador do esgotamento de uma jazida. “deu na piçarra”. (B. de S.)
- PICUM** — Alteração de apicum; cume, pico Neste sentido usado pelos sertanejos da Bahia. **JORGE HURLEY** informa que, no Pará, designa o caminho que alaga com as marés da lua. (B. de S.).
- PINDORAMA** — Do tupi *pindo-rama* — a região ou o país das palmeiras, contração de pindoretama (**TEODORO SAMPAIO**, Op. cit.), nome que, no dizer de **COUTO DE MAGALHÃES**, a nação tupi-guarani que habitava tôda a costa do Amazonas ao Prata, dava ao nosso Brasil litorâneo. (B. de S.).
- PINGUELA** — Pau atravessado sôbre um riacho ou camboa para dar passagem de um a outro lado. “O prédio fica situado além de uma camboa, pela qual se passa por uma pinguela de pau, que não sustenta mais de uma pessoa”. (*O Guarda Nacional n.º 40 de 1843*). (F.A.P.C.).
- PIQUÊTE** — Termo peculiar ao sul do Brasil, até Minas e Goiás, designativo de campo cerrado, com aguada e pastagem, onde se soltam os animais de serviço diário, de prontidão, como os piquêtes militares. No Rio Grande do Sul é o mesmo que potreiro. Informa-nos o general **FORTES**: piquête é um pequeno potreiro onde os animais ficam à mão para o serviço diário. (B. de S.).
- PIRAJÁ** — Termo usado pelos marítimos no litoral da Bahia e também dos estados nordestinos para designar aguaceiros repentinos e curtos, acompanhados de ventania. (B. de S.).
- PIRAMBEIRA** — Termo regional de Minas Gerais, designativo de ribanceira abrupta, especialmente à beira dos rios; desbarrancado; margem alcançada (B. de S.).
- PIRI** — Terreno alagadiço, onde vegeta abundantemente a gramínea piri (*Cyperus giganteus* — **VAHL**). **BEAUREPAIRE-ROHAN** informa que, no Maranhão, usam êste vocábulo no plural — pirizes; **F. RAJA GABAGLIA** diz que é peris. Parece que piri é o mesmo que peri, no plural peris, pirizes, tudo a indicar a região brejosa onde se cria uma espécie de junco que dá paina delicada. É o mesmo que pirizal. (B. de S.).
- PIRIRICA** — Vocábulo que, em São Paulo, designa pequena cachoeira, corredeira ou rápido (B. de S.).
- PITIMBÓIA** — **RODOLFO GARCIA** regista-o como termo alagoano designativo de terreno sito no litoral, ao alcance dos mares, convenientemente cercado para reter os peixes; curral de pesca. (B. de S.).
- PLANIÇO** — Registrado por **MACEDO SOARES** no sentido de planície, vargem de extensão não medíocre, nas terras altas ou baixas. É uma grande extensão de terreno mais ou menos plano, sem atenção à altitude, senão à extensão mais ou menos considerável do terreno. (B. de S.).

- POMBEIRO** — Vendedor ambulante de peixes, o atravessador de peixes nas jangadas para vender a retalho.
 Nota — B ROAN, 116, consigna outras acepções dêste termo, entre as quais a de espião da policia, peculiar a Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. A primeira é a mais generalizada. — Etim mbunda: *pómbe*, mensageiro (Cf. CANNECATIM, *Dic da Língua Bunda*, 514). (R.G)
- PONTAL** — Extensa e delgada língua de terra que penetra mar a dentro e é formada pelo material móvel da praia, distinguindo-se das demais saliências do litoral pela formação Pontais, escreveu o grande geólogo J. BRANNER, são praias de construção ou extensas línguas de terra construídas, estendendo-se da costa por dentro da água. Quando o material movecido da praia — areia, seixos, etc. é varrido ao longo pelas vagas, até alcançar uma curva da costa na direção da terra, o material movecido da praia é depositado na água morta, na curva da costa. A acumulação destes materiais forma uma extensão delgada da praia que é conhecida pelo nome de pontal (*Geologia Elementar* 1.^a Ed. — P. 53). Em carta de 2 de fevereiro de 1830 escreveu-nos SUP MENNUCCI: "São Paulo, onde não consta haja pontais marítimos (pelo menos de conhecimento do público), conhecem-se muito os pontais fluviais, línguas de terras nas confluências dos rios, denominação essa oficial nas cartas topográficas" Consigna este termo no seu *Glossário* o Prof EVERARDO BACKHEUSER, que acrescenta à noção de BRANNER o seguinte: "Os pontais são às vezes recurvados para o continente e outras vezes lhe ficam completamente perpendiculares (sendo chamados agulhas) e outras vezes ainda se transformam em istmos, quando se formam entre uma ilha e o continente". Segundo informação do marechal GABRIEL BOTAFOGO, no Rio Grande do Sul, assim chamam as línguas de terra que entram pelas lagoas ou que se encontram nas fozes dos rios. (B. de S)
- PONTÃO** — Termo que, tem segundo nos escreveu o padre GERALDO PAUWELLS, no planalto sul-brasileiro, sentido regional "É o contrário de rincão este é uma língua de campo que avança mato a dentro; aquêle é uma língua de mato que se adianta em meio do campo (B de S)
- PONTAS** — Termo de uso no Rio Grande do Sul, para indicar as nascentes de um rio ou arroio BEAUREPAIRE- ROHAN e ROMAGUERA informam que se lhe dá também o sentido de extremidades superiores de cursos de água O termo é, neste sentido, de origem platina, puntas na Argentina é o mesmo que cabeceiras, nascentes ou extremidades superiores de um rio ou arroio. (B. de S)
- PORTÃO** — Paredão a prumo na barranca do rio termo da zona do São Francisco. (B. de S).
- POSITIVO** — Correio particular, portador, expresso, próprio, individuo que se encarrega de levar uma carta, ou comunicação de um ponto a outro (R. G).
- POTREIRO** — Vocábulo usado no Rio Grande do Sul, para designar uma certa extensão de campo adjacente às casas, cercado de arame ou com cercas vivas, com pastio e aguada, e que é destinado aos animais dos serviços quotidianos ou dos hóspedes dos estancieros É o mesmo que piquete em Minas Gerais e manga na Bahia. Há potreiros que se alugam aos viajantes na campanha. (B de S).
- PRAÇA** — Nome com que os sertanejos de muitos estados do Brasil crismam as cidades ou vilas "Desenrola as novidades, Porunga, que hai de novo na praça?". (João Lúcio — *Bom Viver* — P 65) São também muito usados os derivados praçiano — próprio da cidade ou povoado, que vive na praça, e pracista — que mora na cidade, vila ou povoado, e, por extensão, o que é educado, mais civilizado que os moradores do campo. (B de S)
- PRIMEIRAS ÁGUAS** — Expressão com que, no Nordeste, se designam as primeiras chuvas que caem após o verão, em geral nas proximidades do dia de São José (19 de março), e daí por diante, época em que se fazem as plantações de milho, cuja colheita se realiza, por seu turno em São João (24 de junho) (B de S.)
- PROMOMBÓ** — Registrado por C TESCHAUER em seu *Novo Dicionário Nacional*, significando maneira de pescar em noite escura, surpreendendo o pescador com o clarão de facho aceso os peixes que saltando espavoridos caem dentro da canoa (B de S.)
- PUXADA OU PUXADO** — Dependências de uma casa para aumentar os seus cômodos. "Vamos aumentar o puxado, que já não tenho onde botar as esteiras que acabei Meto-lhe ali debaixo do puxado" (FRANKLIN TÁVORA). (F A P C)

(Continua)